

## Sobre a recepção de Freud em Portugal

José Martinho

O Portugal que recebe a criação de Freud no início do século XX é um país pobre, atrasado culturalmente, politicamente agitado e fortemente católico.

Ao levantar a censura que pesava sobre os assuntos sexuais, Freud provocou o escândalo na opinião pública, ao mesmo tempo que despertou a fervilhante curiosidade por eles. Não é, pois, de admirar que os seus *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, publicados em 1905, tenham conhecido o destino de tantos outros volumes proibidos: à polémica inicial, seguiu-se um razoável número de exemplares vendidos.

Foi provavelmente esta uma das razões que levaram a Ática a escolher os *Três Ensaios* para ser primeiro título de Freud a editar em Portugal. O livro é publicado em 1932, com uma «nota introdutória do tradutor», Osório de Oliveira, explicando ao leitor que o autor não era um indivíduo imoral.

Esta medida preventiva justifica-se por que, desde o início, Freud e a psicanálise foram alvo de violentas críticas: enquanto uns diziam que ele sofria de uma *obsessão libidinosa*, outros afirmavam que a sua invenção não passava de um *conto de fadas científico*.

A última destas objecções foi parcialmente atenuada com a tradução, em quase todas as línguas, de *pulsão* <Trieb> por *instinto*. A referência ao instinto sexual e mais geralmente à biologia permitiu que os adeptos da psicanálise pudessem defender que Freud e os seus seguidores não eram os perversos que se dizia, mas verdadeiros cientistas e médicos, preocupados com a evolução do género humano e a cura das psicopatias sexuais e outros sintomas neuropáticos.

Firmou-se, deste modo, a via médico-científica que permitiu à psicanálise penetrar em múltiplos países. A outra via foi a da *sublimação*, que chamou particularmente a atenção dos escritores e dos artistas.

Mesmo se refere a sublimação da pulsão sexual nos *Três Ensaio*s, é sobretudo em *Delírio e Sonho na «Gradiva» de Jensen* (1907) e *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci* (1910) que Freud aplica o conceito.

A atenção prestada por Freud nestes textos à criação literária e à obra de um dos grandes Mestres da pintura universal, acabou por convencer as pessoas que ele não era só um neurologista e um psicoterapeuta, mas também um homem preocupado com os problemas da cultura e da civilização, assim como um excelente escritor.

É Egas Moniz que introduz as ideias freudianas em Portugal, alguns anos antes da publicação dos *Três Ensaio*s na *Ática*. Egas Moniz simboliza as duas faces não analíticas da recepção da psicanálise: a médico-científica e a artístico-literária.

A sua tese de Medicina – *Vida Sexual, Fisiologia e Patologia* (Coimbra, 1900) – é publicada inicialmente em dois volumes, um primeiro que sai em 1901 e um segundo em 1902<sup>1</sup>. No seguimento do seu mestre Daniel de Matos, Egas Moniz defende nesta tese um ponto de vista neo-maltusiano sobre a *eugenia salutar* para a *vitalidade das raças humanas*, ao mesmo tempo que procura instruir a população portuguesa sobre a sexualidade e a natalidade.

Egas Moniz só começa a ler Freud e os seus discípulos entre 1903 e 1914. Pouco a pouco, toma conhecimento da obra psicanalítica, e em 1915 publica um primeiro artigo sobre ela, intitulado *As Bases da Psicanálise*.

Em 1921, na lição inaugural do Curso de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, *O Conflito Sexual*, faz um elogio de Freud e da sua Escola. É ainda neste mesmo Curso que Egas Moniz confessa ter aplicado com sucesso o método analítico a dois casos clínicos.

Assim, mesmo se não foi analisado, Egas Moniz utilizou o divã, a associação livre e a interpretação dos sonhos no tratamento de alguns dos seus doentes.

---

<sup>1</sup> O livro de Egas Moniz teve 19 edições, antes de ser proibido pela ditadura de Salazar. É só na sexta edição, de 1926, que o autor introduz um prefácio onde explica abertamente as ideias inovadoras de Freud a respeito da vida sexual.

Entre nós, foi também ele o primeiro a interessar-se pelas conexões da psicanálise com a literatura, dedicando-se à abordagem psicanalítica da vida e da obra de Júlio Dinis (1924), de Camilo de Castelo Branco (1925) e do Abade Faria (1927).

Porém, não foi a psicanálise – que abandonou por volta de 1927 – que levou Egas Moniz à conquista do Prémio Nobel da Medicina e da Fisiologia em 1949, mas algo de totalmente diferente: a descoberta da angiografia cerebral (1927)<sup>2</sup> e uma neurocirurgia, a leucotomia pré-frontal (1935)<sup>3</sup>.

Depois de ter regressado a Lisboa vindo de Durban (1905), Fernando Pessoa, então com 19 anos (1907), consultou o Professor Egas Moniz. Não sabemos se Pessoa lhe falou das suas múltiplas personalidades, se conversaram sobre psicanálise, mas sabemos que o médico não podia ainda encorajar o jovem a pedir a famosa lobotomia para curar os males que o afligiam. Na altura, limitou-se a dizer-lhe para fazer um pouco de ginástica sueca, ao que parece com bons resultados, se acreditarmos no que afirma Pessoa no seu prefácio ao livro de António Botto.<sup>4</sup>

Fernando Pessoa (Álvaro Campos e outros) foi não só um dos primeiros em Portugal a falar abertamente das aberrações sexuais<sup>5</sup>, como a interessar-se por Freud.

---

<sup>2</sup> A angiografia cerebral é uma radiografia dos vasos após injeção de um líquido opaco.

<sup>3</sup> A lobotomia é a sessão cirúrgica das fibras nervosas (essencialmente as ligadas ao tálamo) que se dirigem para o lobo frontal. Esta cirurgia foi aconselhada enquanto tratamento de perturbações psíquicas relativas à tomada de decisões e controlo da motricidade, a fim de diminuir a angústia e a agressividade psicopática que se podem manifestar em várias actividades humanas, incluindo a sexualidade.

<sup>4</sup> Mesmo se desconhecemos a vida sexual da criança e do adolescente em Durban, o local da referência de Pessoa ao exercício físico proporcionado pela ginástica sueca não é inocente. De facto, António Botto, conhecido também por António Rotto em virtude da sua pederastia, seria provavelmente hoje considerado também um pedófilo. Basta citar estes versos que me foram recordados por Miguel Carmona da Mota:

Um rapazinho	Mas prefiro fedelhos
como tu	Vou-lhes ao cu
lavadinho,	Dou-lhes conselhos
todo nu,	
não desgosto.	Enfim, gosto.

<sup>5</sup> O pré-heterónimo Marcos Alves falava já de uma sexualidade que *enchia todo o cérebro*, e Jean Seul de Méuret escreveu um ensaio sobre o incesto e as perversões sexuais. Lembro,

O interesse de Pessoa pela psicanálise parece ter recaído no *Leonardo*, único livro de Freud que possuía na sua biblioteca, numa tradução francesa.

Além de falar dos amores platónicos e homossexuais de Leonardo, é neste texto que Freud explica que a *sublimação* é uma satisfação da *pulsão* diferente do *sintoma*, porque não sofre o recalçamento. Encontramos um bom exemplo de sublimação do *elemento obsceno* da natureza humana nos *English Poems* (*Epithalamium*, 1913; *Antinous*, 1915) de Fernando Pessoa.

Freud defendia que a pulsão se satisfaz tanto com algo de sexual como de dessexualizado: um objecto de arte, uma fórmula científica, uma obra literária, etc.

Esta extrema plasticidade da pulsão interessou bastante o nosso João Gaspar Simões. Podemos até dizer que os únicos documentos importantes que existem na cultura portuguesa dos anos 30 sobre as relações entre a literatura e a psicanálise se encontram na obra de João Gaspar Simões e na sua correspondência com Fernando Pessoa.

O momento alto desta troca de opiniões é a carta de Pessoa datada de 11 de Dezembro de 1931 (e dada à estampa em 1936). O poeta responde a uma apreciação feita pelo crítico no artigo intitulado *Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência* (publicado no nº 29 da revista «Presença», Coimbra, 1930), texto que Gaspar Simões insere no seu livro sobre o *Mistério da Poesia* (Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931).

O cenário da célebre carta é subtil e complexo. Já o comparei ao que se passa numa sessão analítica, em que Pessoa ocupa o lugar do analisando<sup>6</sup>. Mas também podemos ler nela um Pessoa «analista» freudiano, que aconselha Gaspar Simões a deixar a biografia do poeta para escutar o que ele diz.

---

ainda, que Pessoa tinha lido na sua adolescência a *Degenerescência* de Max Nordau, um discípulo do «sexólogo» Albert Moll.

<sup>6</sup> José Martinho: *Pessoa e a Psicanálise*, Almedina, Coimbra, Novembro de 2001.

De facto, o final do artigo de João Gaspar Simões é já um primeiro ensaio de psicobiografia, em que fornece uma explicação freudo-jungiana algo confusa da poesia de Pessoa.

Para Gaspar Simões é o fundo maternal, o narcisismo e os desvios exibicionistas no desenvolvimento psicosexual e édipiano da alma infantil que explicam o desejo inibido de Pessoa e as vozes – por vezes helénicas – que habitam a sua poesia. Afirma, ainda, que é à música recalcada que Pessoa vai buscar o consolo da desilusão do presente, recuperando, pelo ritmo da sua poesia, não só a inocência do passado como o próprio Tempo.

Mesmo se carecia de informações que só obteve mais tarde, João Gaspar Simões devia já saber nesta época que a mãe de Pessoa tocava piano, o pai era crítico musical e a família vivia em frente à Ópera de São Carlos; mas também que esta harmonia musico-emocional desabou com a tragédia familiar que obrigou a criança a embarcar para a África do Sul.

Gaspar Simões resume deste modo as noções psicanalíticas que aplicou à poesia de Fernando Pessoa: *narcisismo, sublimação, exibição – eis as palavras do vocabulário de Freud aplicadas à Arte.*

Se a ideia da sublimação não provoca choque em Pessoa, diz, no entanto, ignorar o estorvo que lhe pode causar a música, e levanta sérias reticências quanto ao seu narcisismo e exibicionismo. Por esta e outras razões, tece uma série de objecções ao *freudismo* ou, mais precisamente, à maneira como João Gaspar Simões se serve dele.

Pessoa aconselha o crítico a prestar atenção ao facto da sua poesia ser dramática e não épica ou lírica, como pretende Gaspar Simões. Avisa-o, também, que um *estilo* pode revelar uma prática sexual como a pederastia ou o onanismo, e dá como exemplo de masturbação intelectual, ainda que na forma de uma denegação, o que João Gaspar Simões faz com a sua arte.

Diz-lhe, igualmente, que o espírito *Brasileira do Chiado* coloca a maioria dos Modernistas portugueses na classe dos masturbadores psíquicos e não só, ainda que o vício seja o de toda a *mentalidade civilizacional contemporânea*.

Além de Egas Moniz, Pessoa e Gaspar Simões só tenho conhecimento de mais três portugueses que se interessarão por Freud até aos anos 40.

O primeiro é Abel de Castro (1900-1947), adepto da Igreja Baptista, licenciado em história e filosofia, professor de liceu, jornalista e autor de dois volumes: a *Valorização do Esforço* (1927) e *Filosofia Elementar* (1935). A partir de 1924, Abel Castro escreve, em inglês, para o nº 19 da Berggasse, pedindo a Freud algumas informações teóricas e bibliográficas, assim como um prefácio para um livro que nunca chegará a publicar sobre o *Instinto Religioso*. Descobriram-se recentemente quatro cartas que Freud lhe enviou entre 1924 e 1929, onde dissuade o nosso compatriota a não aplicar o método analítico sem uma análise pessoal e lhe explica que o ponto de vista religioso que ele partilha não pode servir a psicanálise.

O segundo é António Serras Pereira, ensaísta que publica na *Ática*, em 1932, um livro sobre *Psico-Análise e Educação Moral*. Como o título indica, o texto de Serras Pereira procura convencer o leitor que a psicanálise pode ser útil para a educação e para a moral.

Por fim, Sobral Cid (1877-1941), professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, autor de *A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos* e *Psicologia Criminal, Casuística e Doutrina*, volumes em que sugere que seria conveniente aplicar o método psicanalítico ao tratamento dos psicóticos e de certos infratores da lei.

Depois destes seis autores, será preciso aguardar pelo menos cinco anos (1945) para ver outros médicos (como Pulido Valente) e escritores (caso de Fernando Namora) interessarem-se ligeiramente por Freud, mais vinte (1963) para que o primeiro psicanalista português (Francisco Alvim) se instale em Lisboa, e dez ainda (1973) para que o Estado reconheça oficialmente a primeira Sociedade psicanalítica que se implantou em Portugal.

Como as obras completas de Freud continuam por traduzir no nosso país – para não já falar das de outros psicanalistas de renome mundial como Lacan – podemos concluir que, ao fim de mais de cem anos, ele ainda não foi convenientemente recebido em Portugal ou, melhor, que a grande maioria dos portugueses está longe de saber o que é, pode e deve ser a psicanálise.